

Questionamentos sobre o texto **Towards a biology of traditions**, de D. Frigaszy e S. Perry

Fazer a leitura deste texto após ler o texto **Toward a bottom-up perspective on animal and human cognition** foi muito enriquecedor. O estudo das tradições é um excelente exemplo de como um tema de pesquisa se beneficia de uma abordagem bottom-up, além de evidenciar a importância de definições operacionais para permitir avanços teóricos e metodológicos. Sabendo-se das diferentes definições do termo cultura, fiquei pensando que é curioso (e um pouco equivocado) tentar fazer essa definição a partir dos mecanismos cognitivos ou de aprendizagem necessários para tal.

“A vigorous controversy has brewed ever since over what is necessary for a behavior pattern shared among members of a group to be identified as “cultural”, which species might be said to “have culture”, and which learning mechanisms are necessary to claim that a particular practice qualifies as “cultural”.

Assim como abordado no texto, sem um conhecimento mais amplo dos diferentes mecanismos existentes entre diferentes táxons, indo além da comparação quase que exclusiva com primatas humanos e não-humanos, corremos grandes riscos de criar definições excludentes que impedem a descrição de mecanismos compartilhados entre espécies não aparentadas. Durante a leitura do texto fiquei pensando muito nas discussões sobre Ensino em animais não-humanos, principalmente porque as discussões acabam caindo nas mesmas “armadilhas” das discussões sobre cultura.

No texto *Identifying teaching in wild animals de Alex Thornton*, o autor chama atenção para como a definição antropocêntrica do termo Ensino pode nos ter afastado de evidências de comportamentos de instrução ativa por parte de um animal mais experiente para outro mais experiente. Pensando nisso, além de entendermos se animais não-humanos possuem tradições ou não, existem processos ou mecanismos de aprendizagem social pouco estudados que podem ser fundamentais para a construção destas tradições.

“Far from being seen as a uniquely human capacity, teaching is now beginning to take a more prominent role in evolutionary biology, impinging on key topics including

cooperation, parental care, and cultural transmission (Thornton & Raihani, 2008). Nevertheless, the study of animal teaching is still in its infancy, and convincing examples are rare. Research on a variety of species is needed if we are to fully understand the factors favoring the Evolution of teaching, its taxonomic distribution, and the relationship between the forms of teaching found in humans and in other animals”.

Outro aspecto que me chamou a atenção no texto, e em diversos outros textos da área de Aprendizagem Social, é a abrangência das ideias e hipóteses discutidas. É muito interessante observar a integração entre diferentes áreas como a Antropologia, Psicologia, Biologia etc. para discutir questões sobre tradições a aprendizagem social. Além de evidenciar a necessidade de interdisciplinaridade, também reforça a importância de um rigor metodológico e teórico para fazer explicações e simplificações dos fenômenos observados. Palavras e conceitos com o mesmo significado em diferentes áreas podem suscitar debates circulares que acabam nos afastando de discussões, a meu ver, mais férteis. Assim, acho a definição de tradição trazida no texto muito importante e inteligente.

O uso da palavra tradição ao invés de cultura já sinaliza um afastamento de definições antropocêntricas. Mas mais do que isso, por conta da histórica utilização do termo cultura pela Antropologia, o uso da palavra tradição evita, ou pelo menos tenta amenizar, conflitos que podem surgir unicamente pela utilização do termo aplicado a animais não-humanos, permitindo então que o foco da discussão seja os mecanismos e processos que permitem a existência de tradições em animais humanos e não-humanos, e não o termo em si.

“No distinctive form of social learning is unique to humans, or to humans and closely related primates This strong statement applies even to “true imitation”, according to Russon et al. (1998).”

Assim como as autoras, concordo quando se referem a este trecho como uma forte declaração. Ao afirmar que não existem formas de aprendizagem social exclusivas aos humanos, abre-se um leque de possibilidades para investigar outros fenômenos que também são oriundos de diferentes processos de aprendizagem social. Assim como no texto de de Waal, o texto de Fragaszy e Perry também reforça a ideia de comportamentos complexos baseados em mecanismos simples. A aprendizagem social não é um fim em

si mesmo, mas juntamente com aspectos ambientais e de trajetória de desenvolvimento dos indivíduos, é substrato para diversos outros comportamentos que podem ocorrer nos mais diferentes táxons, sendo as tradições uma dessas “possibilidades”.

“What use specific taxa make of these abilities is likely to vary in accord with a constellation of ecological and social variables.

“Social learning must be examined as an element in the behavioral biology of animals, rather than as a lead-up to, or incomplete version of, a (possibly) uniquely human characteristic (Box and Gibson, 1999; de Waal, 2001; Giraldeau, 1997; Jablonski and Avatal, 2000; Laland et al., 2000).”